

PROJECTO INCLUIR DO PROGRAMA ESCOLHAS – UMA INTERVENÇÃO EFECTUADA NO SENTIDO DE AMPLIAR SABERES E OPORTUNIDADES

Diana Margareta Mateus Xavier¹

Projecto Incluir do Programa Escolhas e Escola EB2,3/S de Vieira de Araújo em Vieira do
Minho distrito de Braga
dianamxavier@gmail.com
e Judite Zamith-Cruz
Instituto de Educação, Universidade do Minho – Braga
juditezc@iec.uminho.pt

Resumo

A aprovação da candidatura do *Projecto Incluir* em Vieira do Minho pelo Programa Escolhas (Resolução do Conselho de Ministros nº4/2001, de 9 de Janeiro) surgiu, na medida em que este orienta-se em torno de três grandes objectivos e actividades. Sendo que os objectivos principais são, a inclusão escolar das crianças e jovens de contextos socioeconómicos mais desfavorecidos e problemáticos, implementando medidas que evitem a criação de estados de isolamento social desses destinatários, o combate ao abandono e absentismo escolar com medidas de prevenção, a formação e ocupação dos tempos livres e a promoção/inclusão social nas suas várias vertentes: profissional, social, pessoal, parental, escolar e digital. Actuando com medidas/acções essenciais de reabilitação, promoção de formas saudáveis de tempos livres, permitindo e incentivando o desenvolvimento de competências pessoais, culturais e sociais assentes em normas de convivência, cooperação e participação em actividades com uma forte dimensão de construção pessoal (desenvolvimento da motivação, auto-estima, respeito e tolerância, ...) e a criação de um Centro de Inclusão Digital (CID) com vista à inclusão digital das crianças e jovens combatendo as assimetrias existentes neste domínio, especialmente em zonas rurais, que contribuem para a exclusão, insegurança e desmotivação.

Introdução

Se é verdade que os fenómenos de pobreza e exclusão atingem uma grande visibilidade e dimensão nos espaços urbanos, não deixa de ser verdade que eles assumem, no mundo rural, um carácter muito específico. Apesar de deterem especificidades próprias, as diferentes comunidades rurais do nosso país apresentam alguns traços comuns, nomeadamente a fraca densidade populacional, a predominância da actividade agrícola, o isolamento geográfico e, em grande parte dos casos, o recurso a uma economia de subsistência.

¹ Mestranda da Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga do Mestrado de Ciências da Educação, especialidade em Pedagogia.

No contexto europeu, encontramos-nos na periferia do «núcleo duro» da alfabetização (Norte e Centro-Norte da Europa) e na periferia para os limites situados no Sul, Este e Oeste, historicamente menos impregnados por cultura escrita.

Abandonada a estrutura de acolhimento, nas comunidades rurais do Norte de Portugal, por ruptura do *isolat* demográfico (com a emigração) e do *isolat* social (com os media, novos grupos de pertença e heteroformação), a recusa de modelos pelos mais jovens reflecte-se na família e escola, mas também no país.

O público-alvo do Programa Escolhas – *Projecto Incluir* de Vieira do Minho – Distrito de Braga, com quem se efectuou uma Investigação-Acção, congrega jovens da população local, entre os 6 e 24 anos, oriundos de contextos culturais e sócio-económicos desfavorecidos, em que se visou a promoção de inclusão, praticada e reflectida a solidariedade e justiça social.

Baixas qualificações escolares são uma das características mais marcantes da população. De acordo com dados do Ministério da Educação - DREN, a percentagem de situações de abandono escolar a nível concelhio, em 2004, foi de 5.6%, sendo Vieira do Minho o vigésimo concelho com pior percentagem, comparativamente aos concelhos do país.

1. O Programa Escolhas

O Programa Escolhas, criado pela Resolução do Conselho de Ministros nº4/2001, de 9 de Janeiro, abrangeu Lisboa, Porto e Setúbal, implementando 50 projectos até 2003, dirigidos a 6.712 destinatários. Posteriormente, o Escolhas – 2ª Geração (E2G), a nível nacional, entre 2004 e 2006, financiou e supervisionou 87 projectos. Desde 2006 o Programa Escolhas – 3ª fase, de 2006 a 2009, reforçou o investimento e número de projectos - 121 em 71 concelhos. Ao abrigo do Programa, expandiram-se 4 grandes eixos de acção, complementares: Medida I - Inclusão Escolar e Educação Não Formal; Medida II - Formação Profissional e Empregabilidade; Medida III - Participação Cívica e Comunitária e; Medida IV - Inclusão Digital.

Até ao final de 2007, primeiro ano da 3ª fase, os destinatários ascenderam a cerca de 47.300, pretendendo-se apresentar no X Congresso a adesão em Vieira do Minho.

A aprovação na 2ª e 3ª fases do Projecto Incluir em Vieira do Minho concretizou-se em torno de grandes módulos de actividades, nomeadamente, na Medida I, promovendo a inclusão escolar das crianças e jovens em risco, entre outras com as seguintes linhas-guia de actuação por equipa pluridisciplinar: Acompanhamento individual, extensão ao 2º ciclo do Ensino Básico, educação vocacional e alternativas de inserção escolar, mediação escolar e familiar, grupo de formação parental. Por sua vez, as actividades da Medida III possibilitaram a participação cívica e comunitária. E a Medida IV possibilitou a criação de um Centro de Inclusão Digital (CID), com vista à inclusão digital das crianças e jovens combatendo as assimetrias existentes neste

domínio, especialmente em zonas rurais, que contribuem para a exclusão, insegurança e desmotivação.

2. Exclusão Social

Os relatórios da OCDE, dos 26 aos 64 anos, colocaram as habilitações escolares da «mão-de-obra» portuguesa ao nível das habilitações escolares das forças de trabalho do México, do Brasil e da Turquia. Metade da população portuguesa só tem 9 anos de escolaridade, por comparação com países que têm 1/3 ou 2/3 de população (26-64 anos) com 9 anos de escolaridade.

Ao longo do século XX, a escola de massas impôs-se em Portugal, quando ainda era pensada segundo princípios «universais» (sem atenção ao local da escola, ao exterior da escola, à família...). O atraso na sua implementação foi muito grande.

Nas condições apontadas, defendeu Anna Vignoles, convidada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 2007, sendo então Professora da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, que «educação é um investimento para produzir ‘capital humano’, essencial para aumentar a produtividade e as capacidades económicas do país.»

Se entretanto os fenómenos de pobreza e exclusão social atingem visibilidade pela dimensão em espaços urbanos do país, não deixam de se assumir preocupantes em meio rural, com carácter local e heterogéneo. Fraca densidade populacional, predominância de actividade agrícola, isolamento geográfico e, em grande número de condições, recurso a uma economia de subsistência são características comuns aos núcleos regionais.

O isolamento destas comunidades facilita o desenvolvimento de uma rede de relações sociais simples, em que a entajuda e o inter-conhecimento predominam. Os habitantes das zonas rurais encontram-se, nesta perspectiva, mais ligados por relações de vizinhança e de identidade cultural, pela partilha de tradições, interesses e valores comuns, do que propriamente por relações de carácter económico. As ligações de vizinhança e de identificação na cultura local, na partilha de tradições, interesses e valores favorece são uma mais-valia para o *Projecto Incluir*.

Para além deste tipo de solidariedade entre pessoas, as zonas rurais caracterizam-se igualmente, por um lado, por deterem baixos índices de alfabetização, formação qualificação profissional e, por outro lado, pela sobrevalorização dos saberes práticos e do trabalho manual.

Todavia, vivemos actualmente num contexto marcado por profundas e rápidas mudanças que se fazem sentir a nível sócio-económico, mudanças essas que introduzem novas regras e novas exigências que se afastam largamente das características mais particulares das realidades locais.

Um claro exemplo é o sector primário de actividade que, no caso específico da Região Norte de Portugal, é marcado, entre outras especificidades, pelo parcelamento da propriedade, pela ausência de uma agricultura mecanizada (muitas vezes resultado das dificuldades originadas

pelas características montanhosas dos terrenos) e de estruturas empresariais de suporte que promovam a comercialização e escoamento dos produtos, aspectos estes que não são compatíveis com os índices de produtividade e qualidade exigidos, actualmente.

3. A viragem do Ocidente

Historicamente, a escola e a família, tal qual as conhecemos hoje, são instituições que surgem com o advento da modernidade, ambas destinadas ao cuidado e educação das crianças e jovens. Na verdade, à escola coube a função de educar a juventude, na medida em que a disponibilidade e a competência da família eram considerados escassos para o cumprimento de tal tarefa. Os saberes diversos e especializados, necessários à formação das novas gerações, demandavam cada vez mais ao longo do tempo um espaço próprio, dedicado ao trabalho de apresentação e sistematização de conhecimentos dessa natureza, diferente portanto, daquele organizado pela família.

A correia de transmissão das gerações passadas foi irremediavelmente fendida, a partir dos anos cinquenta do século XX: a família vive em *discordância topográfica*; há *heteroformação* mais por via dos *media* e de grupos de pertença do que da família e escola, para além de *inversão de modelos*.

Os efeitos do crescimento (e o inverso) económico observam-se por via indirecta.

Depois de ocorrerem choques petrolíferos, nos anos 60-63 e 78-79, houve vaga de *massificação*. Essa foi a *primeira geração* na defesa da educação. Houve, entretanto desencanto, comparando-se países desenvolvidos com os outros. A *segunda geração* de *massificação* foi mais realista e menos *mecanicista*, pois não basta «terem-se resultados» com maior número de pessoas a serem educadas por escola formal. Na actualidade, existem questões qualitativas, locais e diferenciadas.

No Ministério da Educação não são referidos mais recursos económicos. Interessará antes o modo como os recursos sejam utilizados e a eficiência é tida por custosa no sistema educativo. Com menos recursos, temos que fazer «as mesmas coisas» e, então, temos recursos para «outras coisas».

Mudanças a nível socioeconómico, com novas regras de mercado e novas exigências afastam realidades particulares como em Vieira do Minho: parcelamento da propriedade, por ausência de agricultura mecanizada (muitas vezes decorrente da condição montanhosa) e; estruturas empresariais frágeis na comercialização e escoamento de produtos.

A educação foi um tema a que a economia não se dedicou, durante longos anos. Depois da 2ª Guerra Mundial e, sobretudo, depois dos anos sessenta do século XX, foi explorado o contributo económico da educação para o bem-estar material individual e colectivo. Essa óptica surgiu com a «teoria do capital humano».

A teoria do capital humano não é «aviltante» como possa pensar-se, mas só torna mais visível a importância da educação. Quando em Portugal as famílias *mandavam os filhos à escola*, sem que eles alguma vez o questionassem, não se preocupariam com o futuro económico do país. Antes da *massificação*, ia-se para Coimbra ou Cambridge por valor colocado no convívio (de homens), não tanto para que aprendessem... E a educação desenvolve capacidades, para níveis «avançados» de educação obrigatória – 3º ciclo e ensino secundário, em particular quando sejam identificadas capacidades, que então também vêm a ser desenvolvidas por focadas.

4. A teoria do capital social

A teoria do capital social defende conceitos para se pensar nas estruturas da sociedade, na participação e nas relações face a face com os que prestam serviços. Esta teoria tem uma longa história intelectual e desenvolveu-se com esforços junto da educação. Os autores de relevo foram Hanifan (cerca de 1920) e James Coleman, um sociólogo de Chicago (cerca de 1980). A OCDE abraçou esta perspectiva, que se foca, na forma e na extensão do avanço das interações pessoais e sociais a vários níveis: (1) Compartilham características demográficas - *Bonding*; (2) Possuem diferentes características demográficas - *Bridging*; e (3) Devem interagir, repetidamente, para prestarem um serviço – *Linking*. Nos propósitos presentes na equipa do *Projecto Incluir* colocou-se a intenção de «amarrar» pessoas (*bonding*) como se fosse colocada uma ponte (*bridging*), sendo criada amizade e união (*linking*).

5. O diagnóstico de problemas no Concelho de Vieira do Minho, Distrito de Braga

A educação está a falhar para os pobres. Sucesso escolar passa pela transição de graus académicos, o que dá maior ganho, a nível pessoal-social e económico.

No noroeste do país, na região do Minho, Vieira do Minho é uma localidade interior situada a 30km do Distrito de Braga, 1 dos 14 concelhos que integram essa cidade, tendo 21 freguesias na área de 218.5Km². É ladeada pelas serras do Gerês, da Cabreira e do Marão.

Sendo um concelho envelhecido, dependente e com dispersão demográfica, o isolamento dos bosques, cascatas, albufeiras, rios e riachos traduzem-se em deficientes acessibilidades e em empobrecimento.

O Instituto Nacional de Estatística, no recenseamento geral da população e habitação de 2001 e a Rede Social de Vieira do Minho apresentaram o índice de envelhecimento populacional situado valor que traduz o mais elevado, quando comparado com os restantes concelhos do Vale do Ave. O peso de pensionistas na população era, ainda em 2001, destacado em 32% da população.

Acresce o facto da variação populacional ser negativa, entre 1991 e 2001, para Vieira do Minho ser o único concelho do Vale do Ave a perder população no período inter-censitário, dito que essa perda seja sentida apenas, mas de forma significativa, nos grupos etários mais jovens.

Para além das baixas qualificações escolares e iliteracia da população, o analfabetismo atinge valor superior ao apurado a nível regional, situado em 12,8%. Todavia, relativamente a dados de 1991, o concelho de Vieira do Minho registou melhoria considerável, uma vez que foi situado então em 15,4%.

Em Vieira do Minho, onde predominam estabelecimentos de ensino do 1º ciclo do ensino básico, por Documento Preparatório da Carta Educativa de Vieira do Minho, foi tornada pública a comparação com outros locais públicos, em termos de insucesso e abandono escolar.

Nível de ensino	Percentagem de insucesso	Percentagem de abandono
2º ciclo do ensino básico	13,4%	2,3%
3º ciclo do ensino básico	16,4%	10,0%
Ensino Secundário	25,7%	9,0%

Tabela nº 1 – Insucesso e abandono escolar, por nível de ensino, no ano lectivo de 2003/2004, no concelho de Vieira do Minho, de acordo com Documento Preparatório da Carta Educativa de Vieira do Minho

Nesse contexto, Rossas é a segunda maior freguesia em termos geográficos e populacionais, com 2071 residentes, constituindo com a freguesia de Vieira do Minho, as únicas localidades onde o número de indivíduos ultrapassa os 2000.

Nessa zona a pobreza é dita «de continuidade», sem que contraste com o meio envolvente fragilizado. Sente-se a negligência familiar, alcoolismo ou violência doméstica.

A sede do *Projecto Incluir* foi nessas condições localizada em Rossas.

Os financiamentos foram colocados ao dispor dos utentes e técnicos por acção do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, Ministério da Solidariedade e Segurança Social, Ministério da Educação, Programa Operacional Sociedade do Conhecimento, FEDER – União Europeia, entre outros recursos.

6. A Escola - O lugar da criança é na Escola: uma promessa da modernidade

A educação é universalmente reconhecida como um direito humano fundamental para todos. Contribui não apenas para o desenvolvimento social e económico, mas tem um valor inerente em si própria. É uma preparação para a vida, que lança a base necessária para o desenvolvimento geral e o bem-estar de todos.

Na sociedade actual, a escola é um dos principais agentes de educação. Mas porque é uma instituição da sociedade, a escola tende a perpetuar as tendências dominantes da mesma. Segundo Cortesão e Pacheco (1991), a escola participa de forma mais ou menos explícita, mais ou menos violenta, no aumento da preponderância da cultura dominante. Assim, a própria escola pode contribuir para a exclusão de alguns e “*é nas escolas que se começa a decidir a integração ou a ‘ghettização’ dos futuros adultos*” (Carvalho e Rolim, 1993, p. 23). No entanto, a escola é também, segundo Hodder (1992), uma importante fonte de identidade pessoal e de integração no grupo, sendo o desafio que se lhe coloca o de criar uma identidade partilhada e metas que complementem e não se oponham à identidade dos alunos.

A escola é uma instituição que ajuda crianças e jovens, falhando a socialização na família e no trabalho. Hoje, a socialização falha, mas a escola ainda que não resolva as desigualdades de origem, consuma um desafio: fazer funcionar a escola.

Quando o corpo docente seja experiente pensa-se que entenda factores de promoção de sucesso escolar por parte dos profissionais: níveis elevados de colocação na escola, trabalho em equipa e com articulação entre ciclos de aprendizagem, promovendo reuniões (sem convocatória formal) e dito que quem entre de novo seja acompanhado por colegas mais antigos na escola.

Nessas condições desejadas há relação do núcleo de escolas integradas (como em Escola 2,3/S de Vieira de Araújo) com o exterior, que passa a ser intensa em práticas de reflexão, nomeadamente sobre o insucesso.

Com o *Projecto Incluir*, na localidade, há gabinete de mediação escolar, para atender aos casos de crianças mais difíceis e com a adesão das famílias. Os saberes e o saber fazer equaciona estes processos algo longos (introduzido o Projecto), com a «velha guarda» e órgãos de gestão escolar desejados dinâmicos. A motivação dos docentes e dos dirigentes, a ter que deixar de ser encarada como «carolice», faz com que trabalhem muito e bem, mesmo que seja comumente dito que «ninguém dá apoio... com o tempo, já não querem vir para o executivo...».

7. Intervenção do *Projecto Incluir*

Primeiro, o «sucesso» é localizado na escola, mas também no cérebro, no sentido de que é nesse espaço que há codificação e descodificação de informação e planeamento da acção.

O *Projecto Incluir* teve como condição básica servir jovens em «crise», por sofrerem duas grandes mudanças na puberdade. Primeiro, embora o volume de tecido cerebral seja o mesmo, existe um aumento de mielinização (o que aumenta a velocidade de transmissão sináptica). Em segundo lugar, existe um decréscimo gradual na densidade sináptica, indicando uma «poda» significativa de conexões sinápticas.

Essas mudanças neurais fazem com que as competências cognitivas, ligadas aos lobos frontais, também mudem durante a adolescência, o que nem sempre é considerado. Investigação recente mostrou que uma grande variedade de capacidades cognitivas é então refinada o que inclui o planeamento, a tomada de decisão e a compreensão de outras pessoas.

O cérebro social é instintivamente sensível a emoções sociais e, teríamos que aproveitar a abertura dada por técnicos sensíveis a revolta, insatisfação e incompreensão a que se associa, entre outros factores, o insucesso. No adolescente, quando encapsulado, toma mais riscos, tem maior crise e o carácter é alterado.

Ao fenómeno crítico de desenvolvimento, foi enquadrado o abandono escolar detectado, nomeadamente por Rede Social, em 2004, nas escolas do concelho de Vieira do Minho, o que proporcionou uma intervenção comunitária, a que o Ministério da Educação, pela Direcção Regional de Educação do Norte, acrescentou nova informação: a percentagem de abandono escolar, em 2004, era de 5,6%, sendo Vieira do Minho o vigésimo concelho considerado.

Sem ser novo, o abandono escolar requer reavaliação, indiciado em 1990, pelo Ministério da Educação (1990, p. 7), como colocando a Portugal em situação muito delicada relativamente a países europeus.

Assim considerado, o 2º ciclo e o 3º ciclo do ensino básico foram os níveis de ensino em que interveio a equipa de técnicos constituída por coordenadora de projecto, educadora de infância, psicóloga, socióloga, animadora social e técnica de informática.

Um dos cerca de 80 utentes, viria a apresentar-se, quando o Espaço Incluir teve um local próprio em Rossas, para a realização dos eventos, adiante discriminados:

«Olá a todos! Chamo-me Fábio Vieira, tenho 12 anos, sou o Fabioman do Incluir. Porquê Fabioman? Eu explico. É que com todo o meu charme, as miúdas não me resistem! Moro em Rossas, uma freguesia com 2500 habitantes e que vive da agricultura e do artesanato – trabalho de cobre e de tecelagem.»

O *Projecto Incluir* abrange crianças maiores de 6 anos de idade. Nos primeiros 5 anos de vida (já aos 2 anos) o cérebro muda, estruturalmente. Há então maior número de exigências do meio e mais competências que, havendo informação cerebral para o desenvolvimento, poderiam não

obrigar a comprometimento. Observam-se muito cedo na vida *períodos sensíveis*, com o caminho aberto na sua época de acção: há assim uma idade para falar, outra para desenvolver afeições, mas anterior àquela. Há também a experiência atípica de ausência de compromisso de pais com a escola, que dá desarranjo, corrigível ou não, por não corresponder ao *período crítico*. O Manual, com 4 anos, poderia ter agarrado outras potencialidades se fosse integrado nas acções do Projecto, em tempo precoce. Não se sabe o que seja melhor: ser educado pela mãe, pela educadora do Projecto Incluir (ou por uma *babysitter* japonesa, cuja língua tem fonemas diferentes dos da língua portuguesa), na medida em que têm diferentes *backgrounds*.

Já na idade do Fábio, sem desempenho na escola, ele teve que saber que as portas se lhe fecharão. Há optimismo na educação, contudo, para que venhamos a chegar a uma «área de protecção» mais abrangente de crianças.

A identificação do projecto («incluir») decorreu da principal intenção do Programa Escolhas: a promoção e inclusão social em várias vertentes de uma população escolarizada: profissional, social, escolar e digital.

Pensou-se na equipa na efectivação de normas de convivência, cooperação e participação em acções com forte construção de consciência social por motivação, respeito e tolerância.

Observando/monitorizando as actividades no Projecto e dando disciplina a crianças e jovens (que são pobres) deu-se voz no poder, esperando-se que um dia venham a ter poder político. Fortaleceram-se os incentivos para que existam serviços para servirem os utentes.

Através da Medida III, foi promovido o sucesso educativo na comunidade, incentivada a participação cívica local. Criaram-se oficinas de expressão plástica e de expressão dramática, de jogo e leitura, para além de apoio escolar e apoio a actividades extra-escolares – grupo de dança, grupo de teatro e grupo formal de jovens. As acções com família e outros membros da localidade foram proporcionadas por estratégias e técnicas de educação parental.

Para além das comemorações de festas locais e nacionais, também o grupo de teatro veio a apresentar, a peça de Gil Vicente «Auto da barca do Inferno».

Por sua vez, de acordo com a Medida IV, visou-se apoiar a inclusão digital, mediante actividades lúdicas e educativas que fomentam a aprendizagem por recurso a técnicas de informação e de conhecimento.

Conclusão

A viragem decisiva para a inversão da transmissão geracional para as sociedades ocidentais deu-se depois dos anos cinquenta do século XX, por diversos motivos de valor incomensurável: eliminação de redes de parentesco com estruturas de masculinidade, desigualdade de estatutos,

autoridade de idosos e hostilidade ao estranho. Géneros de vida e modos de pensar sofreram mutação sociocultural, científica e tecnoeconómica.

Quando o serviço de fornecimento de recursos falha na educação, é uma falha social. Em *tempos de ranking*, justifica-se analisar o contexto social e a organização proporcionada pelo *Projecto Incluir* – Rossas, Vieira do Minho, com emigração de jovens e desenvolvimento crescente de empregos subqualificados, mas em que tem que deixar de ser dito estar ausente a perspectiva de formação - «não é preciso, não estudo!»

Para o sucesso das acções e reflexões efectuadas ao longo de vários anos na região rural de Vieira do Minho, foi significativo o envolvimento de jovens, famílias e também de docentes com a criação de novo espaço na EB 2, 3/S de Vieira de Araújo, permitindo o contacto directo com os destinatários e comunidade por parte de medidores do Projecto Incluir.

De acordo com a origem etimológica de *intelegere* entende-se que a escola possa ser «apetecível» e que a pessoa é autónoma, quando percebe porque vai para a escola. Parecerá, então, que a educação seja dedicada a formar pessoas «melhores», pessoas que se sintam melhor.

Com a educação haverá mais mobilidade social em Vieira do Minho, logo, maior equidade e, confiemos (ou não), vão sempre mais longe (literalmente) os mais qualificados. Os políticos poderão, então, não ignorar os pobres e os professores poderão não ignorar os pais.

Referências

- AFONSO, Almerindo J. (2005). “A Sociologia da Educação em Portugal: Elementos Para a Configuração do Estado da Arte”. In António Teodoro & Carlos Alberto Torres (orgs.). *Educação Crítica e Utopia. Perspectivas para o Século XXI*. Porto: Afrontamento.
- CANÁRIO, Rui (2006). “Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal”. In Licínio Lima, *et al*, *A Educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de investigação*. Lisboa Conselho Nacional de Educação.
- CARIA, Telmo (1999). A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica, *Revista Critica de Ciências Sociais*, 55, 5-32.
- CARVALHO, F. & ROLIM, M.L. (1993). A Escola deles. *Expresso*, 20 de Fevereiro, pp.20-21, 23-24.
- FEATHERSTONE, Mike (1997). “Culturas Globais e Culturas Locais”, In Carlos Fortuna (org.) *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora. pp. 83 – 104.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1990). *Abandono escolar*. Lisboa: Grupo de Educação Permanente.

STOER, Stephen (2001). “Desocultando o voo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social”. In Stephen Stoer, Luiza Cortesão, José A. Correia (orgs.) *Transnacionalização da Educação – da crise da educação à “educação da crise”*. Porto: Edições Afrontamento.

STOER, Stephen; CORTESÃO, Luiza & CORREIA, José A. (2001) “” In Stephen Stoer, Luiza Cortesão, José A. Correia (orgs.) *Transnacionalização da Educação – da crise da educação à “educação da crise”*. Porto: Edições Afrontamento.

VIGNOLES, A. (2007). “Economia da educação e formação de capital social – Maiores competências (*upskilling*) no século XXI: Algumas armadilhas possíveis.” *Conferência Internacional Sucesso & Insucesso: Escola, economia e sociedade*, Lisboa, 19-20 de Novembro de 2007.